

Notícias arqueológicas do concelho de Ribeira de Pena

Ao ribeira-penense, meu
colega e meu melhor amigo,
D.^o Carlos Leite.

O concelho de Ribeira de Pena está todo semeado de estações arqueológicas mais ou menos importantes; disseminados por toda a sua área existem castros, sepulturas rupestres, antigos fornos cerâmicos, antas, etc., tudo a ruir, tudo desmantelado, mas que, assim mesmo, nos deixam vislumbrar a importância pre- e proto-histórica da região.

Tentarei fazer aqui, em sucessivos artigos, um simples registo, que não um estudo, de todos esses restos, ou pelo menos daqueles de que tiver conhecimento; um trabalho completo sobre tantos materiais seria, além de impossível para os meus exíguos conhecimentos do assunto, dispendiosíssimo para quem empreendesse praticá-lo.

Será pois, repito, quasi uma simples ementa, onde fiquem inventariadas, antes de total ruína, as estações arqueológicas desta região, para que ela possa figurar, como tem direito, no futuro mapa pre- e proto-histórico português.

I

A cidade

A região do concelho arqueologicamente mais interessante e mais rica é um alto e extenso monte, cujas vertentes são hoje muito povoadas, e que constitue a sua parte NO. Ligado directa e immediatamente pelo seu lado SE. à Serra do Alvão, de que elle seria o último contraforte, o nosso monte tem toda a restante periferia formada por abruptos pendores, que vêm, cá muito em baixo, morrer nos rios e ribeiras que o circundam. É pelo NE. a Ribeira de Pena, pelo NO. o rio Tâmega e pelo SO. e S. a Ribeira de Cerva com o seu rio, —o Rio de Cerva—, que, precisamente no ponto da sua confluência com o Tâmega, marca o vértice O. da região que estudamos. (Vid. fig. 1).

Ora este conjunto de linhas baixas forma como que um grande fosso natural, a encaixilhar, a defender este altaneiro monte, que



assim fica isolado, ia a dizer independente, das terras vizinhas— com a excepção já dita da ligação SE.

Foi esta zona alpestre, assim extremada, assim defendida naturalmente, à qual atribuiríamos uma quási independência geográfica, que os povos antigos daqui escolheram para sua instalação; é a ela também que eu chamo a *Cividade*¹.

Cividade—porque ali deve ter vivido certamente um dêsses núcleos de povos em que nos tempos imediatamente pre-romanos se dividia a população lusitana, na sua zona norte sobretudo, cada um dos quais possuía, a bem dizer, sua completa independência política, seus chefes, sua propriedade privativa e acaso seus costumes próprios².

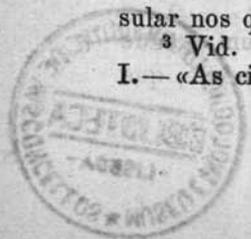
Todo o NO. da Península assim se encontrava dividido³: cada aglomerado (cada tribu?) viveria isolado politicamente na sua cidade—vasta região, por regra de altitude, no coruto da qual se alcandorava a vida urbana: era a citânia ou *oppidum*, em geral de grandes dimensões, com suas cêrcas de muralhas e outras obras defensivas à periferia, e o casario no interior, casario de fábrica modesta, forma circular ou rectangular, paredes ensossas, tectos de colmo de canas ou ramos de árvores; as casas dispostas aos grupos—formando cada grupo um circuito em redor de um pátio—indicaram ao espírito perspicaz de A. Sampaio a existência de classes sociais: cada círculo de casas teria sido a habitação e propriedade dum nobre luso, e recolheria também os seus clientes e seus escravos—tal como mais tarde, após a conquista romana e a instalação nas terras baixas, iria acontecer nas *vilas* romanas.

Mas a citânia não era a única construção da cidade: por toda a área desta, barrando os pontos fracos, esculcando nos lugares

¹ *Cividade*, lato sensu, e não «cidade» sinónimo de castro, citânia, etc., como o povo fez dando a uma parte a designação do todo. Em Ribas, povoação do concelho de Valpaços, o povo chama ainda *cividade* às terras que avizinham um grande castro que ali há, denominado a *cêrca*.

² Como os problemas de localização, filiação e antiguidade dos lusitanos continuam ainda sem solução completa e indisputada (V. M. Correia, *Os povos primitivos da Lusitânia*, onde se inventariam todas as hipóteses, inclusive as mais recentes de Gimpera, etc.), eu continuo a considerar lusitanos os povos de todo o ocidente peninsular nos quatro ou cinco últimos séculos pre-romanos.

³ Vid. Alberto de Sampaio, *As vilas do Norte de Portugal*. I.—«As cidades».



de horizonte largo, os lusos levantavam outros fortes, — os castros, *duna* —, maiores ou menores, um ou mais cintos de muralhas, de fossos, etc., e que, ou só teriam funções marciais, ou serviriam simultaneamente para abrigar população fixa como a citânia.

A cidade era semeada de *duna*, já se disse, cujo papel era, sobretudo, cobrir a citânia e os parques trabalhos agrícolas que a circundavam; por isso estadeavam em regra em redor dela, a maior ou menor distância, e a alturas diferentes, em lugares considerados estratégicos, certamente.

A citânia e os *duna* de população fixa não eram na cidade os únicos lugares de habitação do homem; povoados abertos — os *vici* — e simples cabanas espalhadas pelo aro da cidade serviam igualmente de moradia ao homem lusitano¹.

*

Foram os meus serviços profissionais, — de João Semana quasi decalcado sobre o tipo clássico —, que me fizeram percorrer, cruzar em todas as direcções, a referida região. E, *pari passu* que melhor a conhecia, à medida que fui estudando a sua topografia, a garganta de barreiras que a isolam das regiões limítrofes, a constituição e disposição das edificações arqueológicas — ia-se arraigando no meu espírito a certeza de que estava em presença dum desses departamentos onde outrora viveu um núcleo autónomo, independente, desse misterioso e pitoresco povo lusitano.

A nossa cidade é, como disse, um grande monte, ou melhor, uma série de ondulações, cujas vertentes, possuindo grandes percentagens de inclinação, formam com os montes vizinhos vales em geral profundos. Estes, ocupados uns por correntes de água, por terras agricultadas outros, constituem um contínuo fôssos difficil de transpor aos assaltantes.

A região que estudamos poderá ter de diâmetro maior (E.-O.)

¹ É claro que estes largos traços tirados a Sampaio, e muito mais, são sabidos e consabidos por todos os leitores do *Archeologo*. Como porém a arqueologia local terá, na respectiva região, pessoas que pretendam conhecê-la sem ter podido previamente fazer umas ainda que elementar, preparação, enxertei aqui estas duas linhas gerais que obedecem ainda a outro motivo: o de eu pretender apresentar uma *cidade* que diríamos perfeita, atenta a existência de todos os componendos enumerados por Sampaio, e me parecer útil ao intento a exposição sucessiva dos dois quadros.

uns 9:500 metros, e de eixo menor (N.—S.) uns 7 quilómetros, medidas grosseiramente calculadas, já se entende¹.

O seu território é cortado por um rio, —o Loredó—, que corre como uma secante de SE. para S., e que, penetrando na cidade pelo ponto onde esta se liga directamente com o Alvão, vai lançar-se depois no rio de Cerva, tendo deixado a cidade partida em duas porções sensivelmente desiguais; as margens fronteiriças destas, são a O. separadas por fundo vale que não permite por aí o refúgio rápido, em ocasião de apêrto, dos habitantes da margem esquerda (porção menor) na direita (porção maior—centro da cidade); mas mais para NE. já é facilima a travessia do rio, que corre plano em região quási plana, e com quantidade de água que permite sempre, ou quási sempre, a vadeação; e isto torna possível, e explica, a inclusão das duas margens, —isto é, dos dois retalhos—, na mesma cidade.

O alto do retalho maior é um planalto muito irregular, muito ondulado, no qual existem actualmente algumas povoações (Santa Eulália, Vilarinho, etc.). E é precisamente no seu ponto de altitude maior, no ponto que domina não só o planalto, mas também a cidade toda com quási todas as fortificações, que existem as ruínas da citânia—o coração da cidade. É o Outeiro dos Mouros de Vilarinho, cuja descrição mais detalhada será feita adiante com a das mais fortificações.

Estabelecido o centro, vejamos agora os restantes componentes da cidade com auxílio da planta da fig. 1, que indica, de forma grosseira mas elucidativa, a sua disposição topográfica.

São pelo menos cinco os *duna* de que tenho conhecimento, pertencentes indisputadamente à cidade. Todos situados em níveis inferiores ao da citânia, ocupam também altitudes diferentes uns em relação aos outros.

Eis a sua localização em relação à citânia: a NO. e a 4:200 metros² fica o castro (Outeiro dos Mouros de) de Daivões, situado já em região muito baixa, quási à beira-Tâmega. Diz a lenda que este castro comunica por um subterrâneo, que atravessa o leito do rio, com outro, —o castelo— fronteiro, na outra margem. Posta

¹ Serviu para o cálculo, como para a planta da fig. 1, a carta do Estado Maior do Exército.

² As distâncias são calculadas *plus minus* sobre a carta do Estado Maior do Exército.

de parte a tam vulgar lenda do subterrâneo, creio também ser falsa a existência de outro castro na margem direita do rio.

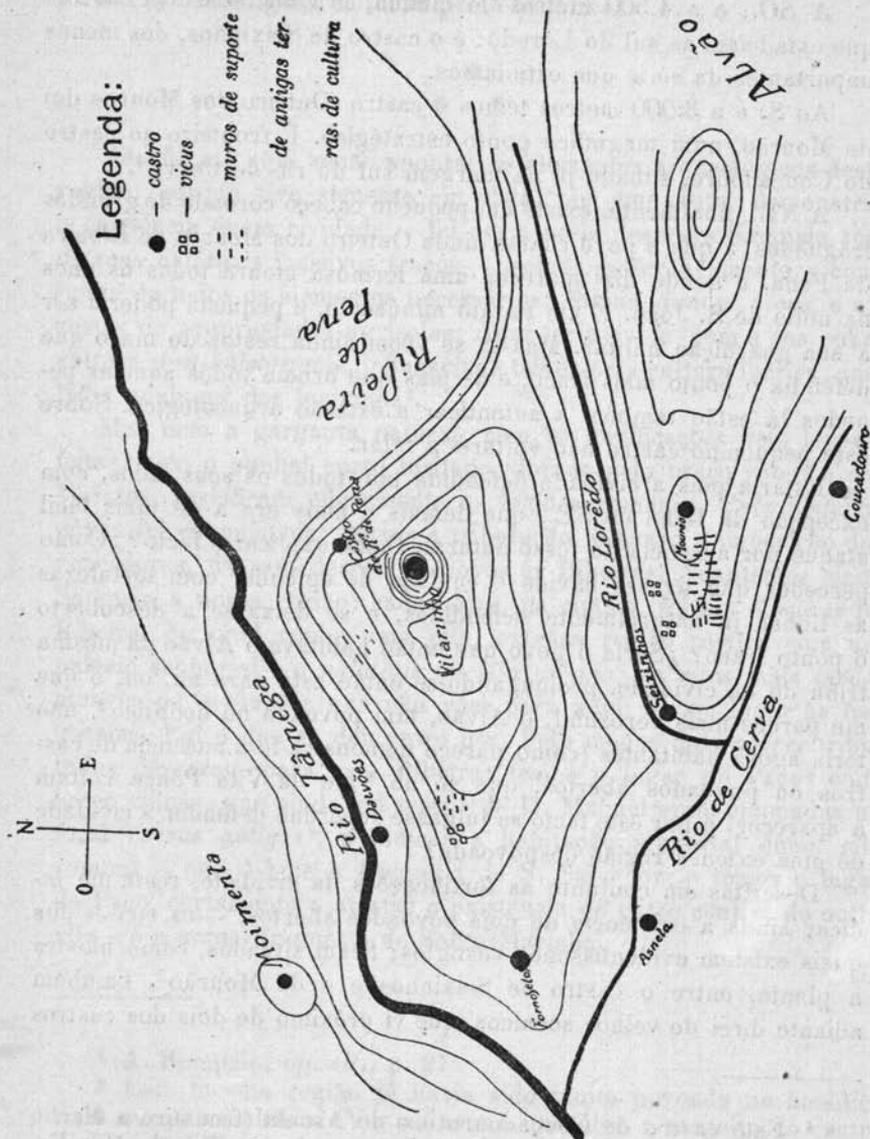


Fig. 1 — Esboço da planta da Cívidade

A O. da citânia, e distando dela 6:750 metros aproximadamente, está o castro do monte do Facho (Formoselos) que domina a confluência dos dois rios (Cerva e Tâmega), defendendo portanto duas vertentes. Este castro é fronteiro de outros dois, pertencentes por certo a duas outras cidades: ao N. do Tâmega, o castro de Moi-

menta, no actual concelho de Cabeceiras de Basto; ao S. do rio de Cerva, o castro de Asnela.

A SO., e a 4:500 metros da citânia, fica um dos dois castros que estadeiam as sul do Loredó: é o castro de Seixinhos, dos menos importantes da série que estudamos.

Ao S. e a 3:000 metros temos o castro (Outeiro dos Mouros de) de Mourão, num magnífico ponto estratégico. É fronteiro ao castro do Couçadouro, situado já na margem sul do rio de Cerva¹.

A NE., finalmente, existe um pequeno cabeço coroado de grandes fragedos, a que o povo chama ainda Outeiro dos Mouros de Ribeira de Pena, e aonde diz aparecer uma formosa moura todos os anos na noite de S. João. É um reduto minúsculo, e pequena poderia ser a sua guarnição militar. Mas lá se vêem ainda restos do muro que defendia o ponto mais fraco, e as pias que orná todos aqueles penedos lá estão também a autenticar a estação arqueológica. Sobre este pequenino castro não voltarei a falar.

Estaria pois a cidade defendida por todos os seus lados, com excepção da linha de SE., que demais a mais era a de mais fácil ataque por ausência do fôssó natural. Como explicar o facto? ; Como perceber que tivesse havido o cuidado de defender com fortalezas as linhas já naturalmente defendidas, e se deixasse a descoberto o ponto fraco? ; Seria o povo que então habitava o Alvão da mesma tribu do da cidade, prolongando-se então esta para ali, ou, o que me parece mais verosímil, o Alvão, tam povoado no neolítico², não teria agora habitantes (como parece demonstrá-lo a ausência de castros ou povoados abertos, que só no Vale da Vila Pouca voltam a aparecer) e por este facto se julgasse supérfluo defender a cidade de uma extensa região despovoada?

Descritas em conjunto as fortificações da cidade, resta-me indicar ainda a existência de dois povoados abertos, — os *vici* — dos quais existem evidentíssimos vestígios; ficam situados, como mostra a planta, entre o castro de Seixinhos e o de Mourão³. Também adiante direi de velhos socalcos, que vi próximo de dois dos castros

¹ Este castro de Couçadouro e o de Asnela (fronteiro a Facho devem ser *duna*, de outra *cidade* no actual concelho de Mondim de Basto, cujo centro será talvez o castro de Palhaços ou o de Vilar de Viande, trazidos ao *Archeologo* (III, 69) pelo D.^{or} Henrique Botelho. Procuraremos um dia verificá-lo.

² Vid. *Arch. Port.*, I, 36 e 347 e II, 231, e *Portugália*.

³ Adiante falarei de um terceiro *vicus*.

nomeados, idênticos por certo aos que Sampaio encontrou junto da citânia de S. Fins de Ferreira¹, e que teriam servido de suporte às terras das exíguas culturas proto-históricas.

*
* * *

Não fiz até aqui senão apontar os elementos arqueológicos desta região, porque tive somente em vista, por enquanto, demonstrar a existência duma cidade — tal como no-la descreve Sampaio com os seus habituais incisivos traços — isolada geograficamente, e composta de todos os elementos necessários: citânia, *dunum*, *vicus*, e até restos de propriedades agrícolas. Aqui teria vivido, com a sua pobre cultura *post-halstattense*, influenciada talvez pela cultura ibérica, uma tribo qualquer dos lusitanos².

Mas nem a garganta natural, nem as fortificações pelo homem feitas, nem o punhal curto lusitano vibrado pelo braço robusto dos Viriatos, resistiram eficazmente às legiões romanas. Esta pequena pátria foi conquistada: depois a tributação, e acaso a imposição dos vencedores, fizeram descer os povos às Ribeiras. Adaptemos ainda Sampaio à nossa região: cada *nobre*, na citânia, foi um *dominus* na Ribeira, ao qual coube uma *vila*, extensa região rústica com um palácio senhorial — o *palatium* ou *vila urbana*; as *vilas* mais tarde, através de evoluções que não vêm para aqui, deram lugar às freguesias. Foi o que se deu entre nós. Pelo menos dois *nobres* tributados desceram para esta Ribeira: temos o lugar do Paço³ onde havia ruínas, que ainda em tempo de D. Manuel eram chamadas no foral *ruínas antigas*⁴, a indicar a habitação senhorial duma vila romana — que é hoje a freguesia de S. Salvador; e temos o lugar de Paço, certamente a atestar a existência de outro centro, de outra vila — é a actual freguesia de Santa Marinha.

¹ A. Sampaio, *op. cit.*, p. 27.

² Esta mesma região já havia sido muito povoada no neolítico final ou no eneolítico. (Ver adiante o que digo a respeito do castro de Mourão). Tenciono em outro artigo tratar dêsse aspecto.

³ Segundo Sampaio (*op. cit.*, cap. VII) os toponimicos Paço e Paço indicam em regra o lugar de um antigo *palatium* romano.

⁴ Não muito longe do Paço — no quintal da Residência — encontrei fragmentos de *tegulae*. E dizem-me que, não há muitos anos, ali apareceram tijolos romanos.

Outros nobres lusos teriam descido para a Ribeira de Cerva¹, acaso para Agunches, Arosa, etc., e assim teria terminado essa vida multi-secular da nossa cidade, como aconteceu nas outras.

*

Farei agora uma descrição mais detalhada das estações arqueológicas até agora sòmente indicadas, não prometendo como a principio frisei, um trabalho completo, pois lhe falta a condição primordial— as escavações.

Castro de Vilarinho (Citânia)

Fica, como indica a denominação, próximo da aldeia de Vilarinho, mas pode dizer-se equidistante desta povoação e da de Santa Eulália. Está instalado no ponto de altitude maior da cidade, dominando o planalto irregular que a coroa; dali se goza um panorama, que não é preciso querer fazer literatura amena para o dizer surpreendente.

O castro (fig. 2) é constituído por uma explanada mais ou menos regular, de configuração próximamente trapezoidal, com os ângulos arredondados; estes ângulos são todos ocupados por fragedos de dimensões e importância variáveis, como veremos. Ligando-os entre si, existe uma cinta de muralhas de desenho igualmente trapezoidal, que está actualmente num tal estado de desmantelamento, que quasi só é reconhecível pela respectiva base. Por fora desta parece ter havido, pelo menos em alguns pontos, um outro circuito muralhado, paralelo e pouco distante do primeiro. A explanada referida é vasta; deve ter uns 250 metros de eixo maior, por muito mais de 100 no eixo menor; nela se terão levantado por certo as edificações da citânia, de que hoje não restam, pelo menos à superficie, vestígios alguns.

Já se disse que em cada canto da citânia há um fragedo; os que ocupam respectivamente os pontos N. e E. são pequenos, e em pouco ultrapassam o nivel do terrapleno; em O. já o montículo é mais desenvolvido, mais largo, e de altitude muito maior. Todos elles substituem a muralha na região respectiva.

¹ De Cerva (Alvite) possui três mós manuais inferiores (*meta*), de superficie trituradora fortemente convexa—provavelmente romanas.

Mas o ângulo S. êsse é que é occupado por um verdadeiro castelo de elevadas fragas; de forma cónica, a sua base tem um diâmetro um pouco inferior a metade da largura da explanadã.

O que torna êste morro interessante é a existência nêle de três ordens de muralhas, mais ou menos circulares como êle, e concêntricas: a exterior (fig. 2) confunde-se a S. com a muralha geral da citânia; a média é substituída na mesma região (sul) por um conjunto de grandes penedos, e tem uma solução de continuidade nítida (porta?) a E.; finalmente a interior, — o mesmo é dizer, a superior —,

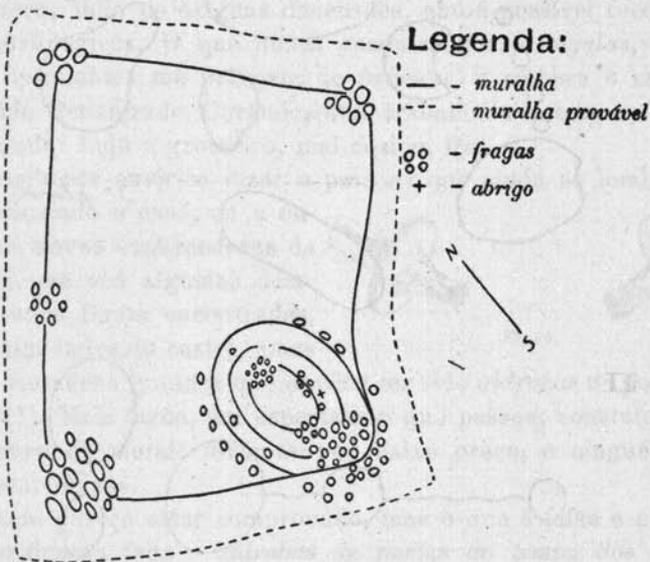


Fig. 2 — Citânia

é feita alternadamente de panos de muro artificiais e de aglomerados de rochas, dos quais alguns enormes e inacessíveis.

Nos dois espaços compreendidos entre as três muralhas existem estreitos terraplenos, circulares como elas, com grandes blocos de pedra espalhados. No segundo terraplano há uma cavidade entre duas rochas (pequena gruta natural), que acaso teria servido de abrigo muitas vezes.

A muralha interna circunscreve um pequeníssimo eirado, que terá quando muito uns 15 metros no seu maior diâmetro.

A estrutura desta citânia, — uma grande explanada murallhada, com um reduto fortificado num dos cantos —, julgo-a pouco freqüente.

¿Não parece ela revelar-nos a intenção espartana de lutar até à extinção completa dos habitantes? Vencidos os *duna*, transposta a muralha da almedina, que os sobreviventes vão ainda defender a honra

para a alcáçova; e aí, cada vez mais apertados, cada vez mais rareados pela luta, vão subindo de cinta em cinta, de trincheira em trincheira, matando, morrendo. O eirado superior comportará só trinta,

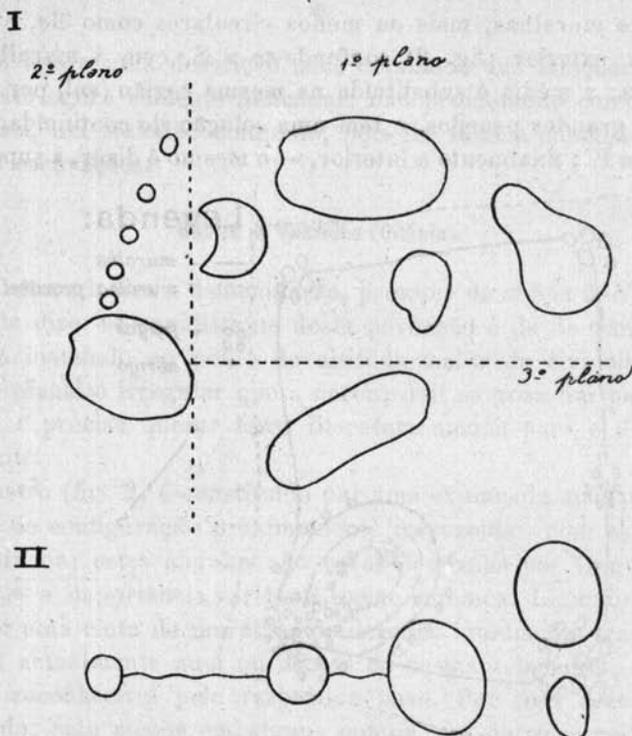


Fig. 3—Esquema das insculpturas de dois penedos da Citânia

só vinte; mas êsses mesmo, poucos como são, que subam, que enfrentem o inimigo até à morte, desprezando a rendição.

A citânia é muito abundante de insculpturas rupestres (sobretudo pias e algumas còvinhas).

Existem em toda a sua área, mas são muito mais numerosas no castelo do ângulo sul; é aí que existe, numa rocha cortada em dois planos, um conjunto de sete pias, de variados contornos e dimensões, e uma série linear de cinco còvinhas.

Infelizmente não foi possível fazer-se uma fotografia delas; envio, em grosseiríssimo esbôço, o esquema dessas insculpturas, que mal valerá a pena reproduzir (fig. 3).

Exteriormente à muralha, e muito próximo do seu ângulo E., existe, mesmo ao lado do caminho que conduz à citânia, uma grande pedra, que tem a face que olha o caminho cortada a prumo.

À superfície do corte vêem-se sulcos, dos quais muitos parece que-
rerem formar losangos e rectângulos. Creio que o corte e os sulcos
foram feitos intencionalmente. Voltarei um dia ao assunto.

Nunca se fizeram neste castro — como de resto em nenhum dos
que descrevo — escavações algumas, com excepção, é claro, das que
S. Cipriano ordena. Mas, casualmente, alguns objectos têm apare-
cido, quer propriamente no castro, quer nas suas proximidades.

Restos cerâmicos é fácil encontrá-los hoje ainda: cacos das vá-
rias côres mais vulgares (cinzento, preto, avermelhado) aparecem
onde quere; tudo de exíguas dimensões, não é possível reconstituir
tipos morfológicos. O que nunca encontrei foram *tegulae*, embora
alguns fragmentos me pareçam de *imbrices*, e embora o castro ti-
vesse sido romanizado. Cerâmica fina, trabalhada à roda, ou ornada,
não vi ainda: tudo é grosseiro, mal cozido, liso.

É freqüente ouvir-se dizer a pessoas que ainda se lembram de
ter presenciado o caso, ou a ou-
tras mais novas conhecedoras da
tradição, que «há algumas deze-
nas de anos foram encontradas,
nas proximidades do castro, umas

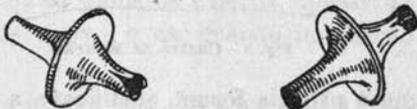


Fig. 4

argolas metálicas grandes que deviam ter sido *aldrabas de portas dos mouros* (!). Mais tarde, um espartalhão que passou, constatou a natureza-ouro do metal: levou-as por baixo preço, e ninguém mais ouviu falar delas».

O facto parece estar comprovado, mas o que é falsa e pitoresca é a classificação feita — *aldrabas de portas do tempo dos mouros*. É claro que as argolas de ouro, pelas dimensões indicadas, só poderiam ter sido *braceletes*, menos provavelmente *torques*.

Tem aparecido também, no castro e terrenos limítrofes, algumas moedas imperiais; possuo quatro provenientes dali, que não consegui ainda classificar.

Finalmente existe um outro achado arqueológico, esse felizmente conservado, retirado duma pequena elevação de terreno, muito próxima da citânia. É um pequeno objecto de ouro, que tem a forma aproximada de duas tubas juxtapostas pelos respectivos pavilhões (fig. 4).

É perfurado, no sentido do maior eixo, por um canal de três milímetros de diâmetro; os contornos dos orificios são pouco regulares, apresentando ligeiras lacerações com certeza posteriores à confecção. Esta não é perfeita: não há esmerada simetria das duas metades, adivinhando-se facilmente as hesitações do artista.

Dimensões: eixo maior, 18 milímetros; diâmetro da parte central, 14 milímetros. Pêso, 7 gramas.

Este objecto appareceu, ao que dizem, enfiado num fio metálico (torques?), juntamente com mais cinco iguais, enterrado na já referida elevação de terreno, que por este facto ficou sendo depois chamada «o outeiro do ouro»; os outros cinco foram fundidos no ca-

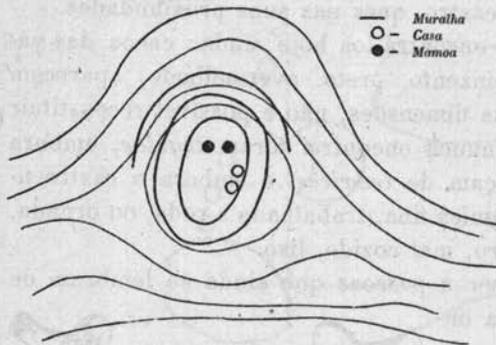


Fig. 5 — Castro de Mourão

dinho dos ourives da feira de S. Miguel (Refojos de Basto), que os compraram. Ficou este.

Que espécie de objecto será? Toda a gente que teve conhecimento do achado concordou em chamar-lhe «contas de colar»; o detalhe da sua perfuração, e o facto de se encontrarem enfiadas, mais do

que a própria forma, justificava a classificação.

Na realidade não é fácil atribuir-lhe outra aplicação. Mas, sendo contas de colar, como por certo são, ¿em que época as devemos colocar¹?

Ignoro se em Portugal existem mais contas iguais a esta.

O S.^{or} Joaquim de Vasconcelos não se refere a nenhuma na *Ou-rivesaria pre- e proto-histórica* publicada em 1909², e não tenho conhecimento de nenhum trabalho posterior que as registe³.

¹ Dechelette não as regista. As únicas contas de ouro, a que faz referência, são as de tipo *oliva* de B-I (*Manuel d'Archéologie préhistorique celtique et gallo-romaine*: II, p. 350 e fig. 138, 1 e 2). Mas estas são morfológicamente muito diferentes da minha.

² in *Notas sobre Portugal*, vol. II, p. 236.

³ Consultei posteriormente o Ex.^{mo} S.^{or} D.^{or} Leite de Vasconcelos, o Mestre a quem é forçoso recorrer sempre que haja dúvidas e ao qual sou devedor de já não poucas amabilidades: «contas de ouro na nossa Arqueologia não me lembro de as ter visto» foi a sua resposta, que o mesmo é que ficar-se sabendo indubitavelmente que não existem.

Mas não será então este objecto uma conta de colar, e poderá aproximar-se dos pingentes que em cachos caem, de um e outro lado, do diadema da Dama d'Elche? (vid. gravuras em Dieulafoy, *Ars Una—Espagne et Portugal*, ou melhor, em *Arte*, n.º 89).

Castro de Mourão

Está situado no alto dum outeiro que tem três das suas faces livres, as quais constituem vertentes de grande percentagem de inclinação.

Tem três ordens de obras defensivas concêntricas (fig. 5). A mais interna é uma muralha de forma elíptica, de grande eixo N.-S., completamente desmantelada. Por fora desta, e mais ou menos concêntrica, o segundo circuito em idêntico estado de ruína; finalmente, em terceiro plano o último círculo defensivo, que é constituído por uma nova muralha paralela às outras, nas faces livres do outeiro, e por um fôssco precedido duma verdadeira barbacã de terra e pedra miúda na linha norte.

Imediatamente para dentro das duas muralhas externas fizeram terraplenagem, como de resto em quási todos os castros, apesar da curta distância que existe entre os muros e da grande inclinação das vertentes.

A muralha interna circunscreve a área que deve ter sido o local das habitações, e que é muito irregular, com numerosos penedos espalhados, alguns dos quais — poucos — têm pias. A O., mesmo encostados à face interna do muro, existem os alicerces de duas casas circulares.

Mas o que é mais curioso neste castro é a existência de duas mamôas (já violadas), simêtricamente colocadas na parte sul do terrapleno¹.

¿Porque estão aqui as duas mamôas? É verdade que toda a área da cidade, tanto para um lado como para outro do rio Loredó que a divide, foi povoada em época muito anterior àquela que actualmente estudo; pelo menos desde o neolítico final, dado que as numerosíssimas antas que nela existem, — hoje infelizmente todas violadas —, sejam coevas das vizinhas do Alvão².

¿Mas como explicar a sua existência dentro do castro? ¿Já existiam ali quando este foi construído, e os habitantes respeitaram-nas? ¿Ou o castro é contemporâneo delas, como o de Liceia? Só um es-

¹ Em Crastelos (Montalegre) há uma mamôa num ângulo da muralha (*Arch. Port.*, xxiv, 62). E em Casal de Gumieí há duas numa região adjacente ao castro. (*Arch. Port.*, xxv, 187).

² Wilke Siret e Bosch Gimpera, citados por M. Correia em *Os povos primitivos da Lusitânia*, p. 194.

tudo de profundidade nos poderia dar uma resposta decisiva. Creio nunca ter aparecido à superfície objecto algum, com excepção de moedas, que, novamente perdidas, nada adiantaram.

Castro do Facho (Formoselos)

Quási na ponta O. da cidade, num cabeço que domina ao mesmo tempo as extremas das vertentes que caem para o Tâmega e para o rio de Cerva.

Tem duas cintas de muralhas: a interna, quási circular, é aberta à NE., divergindo ali as duas extremidades em passo de espiral¹; hoje vê-se, dela, sòmente o grosso cordão de pedra solta que é clássico encontrar, com pequenos pedaços de muro ainda de pé.

Espessura desta, 1^m,5 aproximadamente.

No terraplano encaixilhado por esta muralha vêem-se penedos com pias e os alicerces de duas casas circulares encostadas ao muro, como em Mourão.

A cinta exterior é de configuração muito irregular, como se vê na fig. 6.

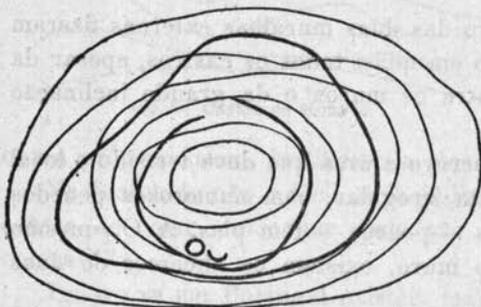


Fig. 6 — Castro de Formoselos

Ora se aproxima, ora se afasta da muralha interna, sendo de poucos metros apenas a distância entre as duas na parte O. do castro, próximo do lugar onde existem os alicerces das casas.

Em dimensões este castro fica logo abaixo da citânia: a muralha externa tem, no seu maior diâmetro, uns 200 metros aproximadamente.

É agora aqui o lugar de dizer porque é que considero o castro de Vilarinho como citânia, como centro desta cidade. São os seguintes os fundamentos da minha convicção: ocupar ele o ponto mais elevado da região², e ser o mais central de todos; possuir a maior superfície utilizável para fins urbanos de todos os castros, visto que quási toda a grande área limitada pela muralha trapezoidal é plana e, portanto, susceptível de servir de assento a um grande

¹ O mesmo se vê no muro de Paradela, Montalegre (*Arch. Port.*, xviv, 74).

² Sampaio, *op. cit.*, p. 31.

povoado; finalmente o facto muito importante de provirem dele artefactos que revelam um certo luxo (braceletes (?), contas de ouro), o que exige, é claro, a existência dum castro de relativa importância.

Mourão e Facho não teriam sido também simples *duna* de funções exclusivamente militares, como o provam os restos de habitações descritos; a não ser que as duas, que à superfície encontrei em cada castro, fôsem as únicas existentes e constituíssem as moradias das respectivas guarnições militares—únicos habitantes, nesta hipótese.

Castro de Seixinhos

É o menos importante de todos (exceptuado o castro de Ribeira de Pena), e era com certeza um simples *dun* militar.

Está no retalho menor da cidade como o de Mourão, e em plano muito inferior ao deste.

Situado no vértice dum outeiro sobranceiro ao Loredo que, como a uma península, lhe contorna a base por três dos seus lados (fig. 7), está assim defendido em três quartos da sua circunferência por este rio; também as obras defensivas existem somente na linha sul, linha por onde o outeiro se liga ao resto do monte.

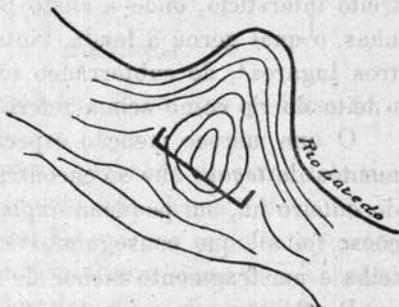


Fig. 7—Castro de Seixinhos

Essas construções eram uma muralha e um fôssco; a primeira que, como disse, barrava apenas o acesso pelo lado sul, era de secção transversal quasi rectilínea com as extremidades dobradas em ângulo recto para o interior do castro (fig. 7); mas vista de frente, a muralha era em forma de ângulo obtuso, correspondendo o vértice ao cume do outeiro e seguindo os lados os pendores do mesmo.

Hoje há o costumado montão de pedra solta, que pela quantidade ainda existente deixa supor que o muro tivesse grande altura; a espessura é que se pode notar em certos pontos: era de dois metros aproximadamente.

O fôssco, paralelo externamente à muralha, nada tem de notável; está hoje plantado de oliveiras.

Quasi se pode dizer que não existe terraplano; também não há outros vestígios quaisquer da mão do homem, a não ser uns muros velhos no sopé do monte, de que falarei adiante.

Do alto da muralha vê-se perfeitamente o Facho a O., e o coruto da citânia a E.

Castro de Daivões

Debruçado sôbre o Tâmega, muito perto do lugar de Daivões, pouco mais resta dêle hoje que o toponímico.

Já não há muralhas, nem sequer os cordões de pedra solta que as ficaram a substituir na maioria dos castros; apenas, aqui ou ali, se vislumbra um corte vertical no terreno, ou um pequeno terrapleno, a atestar a existência antiga de obras defensivas. Do lado do rio não eram elas precisas, que a natureza fez ali temerosa muralha, perfeitamente cortada a prumo sôbre o rio, como raras vezes se verá entre nós. É nas rochas dêste precipício horrível que existe um estreito interstício, onde a custo pode insinuar-se um homem de gatinhas, o qual gerou a lenda, tantas vezes repetida a propósito de outros lugares¹, do subterrâneo extenso, que neste caso atravessaria o leito do rio como acima referi.

O que merece menção especial é a grande quantidade de fragmentos de *tegula* que se encontra por todo aquele monte. No vértice do outeiro há, em pequena explanada, vestígios evidentes de habitações; foi ali que conseguimos extrair grandes pedaços da referida telha e um fragmento menor de *imbrex*².

Por lá têm aparecido também, ao que dizem, fragmentos de mós manuais.

Creio poder concluir que o castro de Daivões foi, entre os que apontei, o que mais vida romana teve, facto perfeitamente condicionado pela sua situação ribeirinha.

¹ Só por estes sítios a lenda repete-se a propósito de três castros: dêste de Daivões, do Lesanho, no extremo de Boticas e Ribeira de Pena (estação donde saíu um «guerreiro lusitano» e até, se me não engano, dois, mas que andam com indicações de proveniência diferentes); e em Palhaços (Mondim de Basto), que o anónimo Pas-cácio do *Domingo Ilustrado* aceitou e divulgou como facto averiguado. No Lesanho já eu verifiquei que o que motivou a lenda foi a existência dumã galeria (certamente natural) entre penedos, idêntica à de Daivões, ainda que mais extensa e de mais complicado trajecto.

² Não pouco trabalho deram ao meu particular amigo Fernando Costa, a quem agradeço aqui a boa companhia que me fez neste como em outros passeios arqueológicos.

Vici

A deslado do caminho que dos Seixinhos conduz às Almas do Concelho (fig. 1) existem dois pequenos povoados mortos, distantes um do outro talvez uns 300 metros. Vêem-se ainda nitidamente desenhados os alicerces das casas que os constituíam; eram todas rectangulares, de dimensões diversas, notando-se que em regra estão isoladas as casas maiores, e agrupadas as mais pequenas (fig. 8).

Não é já possível precisar o seu número, mas não terá sido com grande êrro que eu contei nove no povoado maior e seis no menor.

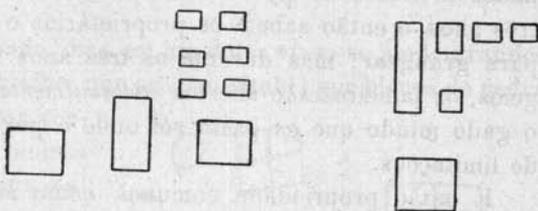


Fig. 8—Vici

Nunca ali encontrei

—à superfície do solo — qualquer artefacto, um caco que fôsse, que pudesse fornecer uma indicação.

Um outro *vici* existe numa pequena quebrada da serra sobranceira ao lugar e castro de Daivões; àquele sítio chama o povo *Fonte da prata* e considera-o *lugar de moiros*. Lá existem realmente *fundos de cabana*, rectangulares como os de Seixinhos, e como êles isolados uns, e agrupados outros. As paredes das casas é que estão aqui mais conservadas, vendo-se em uma delas a soleira e parte das ombreiras da respectiva porta, e em várias mais de um metro em altura de parede. Mas infelizmente a mesma penúria de mobiliário superficial; apenas dentro das casas se encontraram, a poucos centímetros de profundidade, abundantes fragmentos de carvão.

Há junto dêste *vici* numerosos muros de suporte que formam outros tantos taboleiros de cultura, de há muito abandonados, idênticos aos que adiante indico, existentes em outros lugares da cidade.

Os vizinhos ignoram quando ali se fez cultura, mas todos sabem que antigamente o povoado e as terras lavradas eram lá em cima na *Fonte da prata*.

Terras de cultura¹

Quem de Santa Eulália descer para a Reboriça através da serra, por Lamelas, vê, já muito próximo da estrada, uns velhos socalcos que denotam grande antiguidade, e onde não há hoje cultura alguma,

¹ Ver a representação dos mesmos na planta da fig. 1.

nem ninguém se lembra de a ter havido. O mesmo se verifica no sopé do outeiro onde está o castro de Seixinhos, e no *vicus* da *Fonte da prata*, como deixei dito. Mas onde o facto é mais interessante é na encosta do Castro de Mourão; ali, no sítio chamado Fornelos, há uma extensa série de lameiros em taboleiros sucessivos; já próximo do castro, as paredes de suporte existem ainda em grande quantidade, e com aspecto de antiguidade que as mais baixas já não têm, mas os taboleiros respectivos êsses é que foram abandonados à urse e ao tojo. Estes lameiros só são *vessados* de três em três anos, e então sabem os proprietários o que a cada um pertence para grangear; mas durante os três anos que separam dois grangeiros, os lameiros são *abertos comunalmente* para todos os vizinhos: o gado miúdo que os pasta rói onde o pegureiro quere, sem curar de limitações.

É então propriedade comunal, como ainda hoje existe no Ge-rez¹ e em outros pontos², e que não é mais do que uma sobrevivência dos usos proto-históricos norte-peninsulares³; e assim, os lameiros de Fornelos são o cordão umbilical que liga a civilização proto-histórica de Mourão à civilização actual de Cerva na Ribeira próxima.

II

Os Fornos da Telha

Eu tenho infelizmente de confessar que estes meus artigos em nada aproveitam à Arqueologia. O facto de relatarem exclusivamente estudos de superficie, confere-lhes uma banalidade tal, que quasi chega a ser lamentável perder-se tempo e papel a tratar dêles. E isto que já era verdade para o artigo anterior sôbre a *cividade* (em que, ao menos, appareceu um objecto até aqui inédito) mais verdadeiro é agora ainda ao tratar-se dos *Fornos da Telha*. Realmente nesta estação arqueológica, como de resto nas outras, só estudos de profundidade poderiam encontrar quaisquer achegas para a sciência arqueológica. Mas, repetindo o que disse no artigo anterior, eu faço um registo e não um estudo, deixando aos especialistas o mais importante do trabalho.

A região chamada *Fornos da Telha* é uma quebrada da serra, penhascosa, abrupta, entre o lugar de Fontão e a Portela de Santa

¹ *Terra Portuguesa*, IV, 98; A. Sampaio, *op. cit.*, p. 32 sgs.

² Abade de Baçal, in *Rev. Trasmontana*, 3.^o ano, p. 136 sgs.

³ Sampaio, *op. cit.*, p. 36.

Eulália; não há hoje por ali habitação nenhuma, e sòmente os caçadores e pastores, ou um que outro caminhante visitam este sitio.

Mas o que por lá há são ruínas sem conto. São, em primeiro lugar, as ruínas dos fornos que geraram o toponímico: pelo menos em número de cinco, têm todos a forma rectangular, e são constituídos por pedras (granito) mais ou menos afeiçoadas formando paramentos regulares; dimensões variáveis. Um dèles, ainda regularmente conservado, apresenta as seguintes medidas interiores aproximadas: comprimento, 3^m,25; largura, 2 metros; altura, da bôca do forno para cima, 2 metros.

Nenhum tem já abóbada, mas em um dèles vêem-se ainda grandes vestígios da respectiva grelha, que era constituída por blocos de pedra ligados por massa argilosa vermelha. Algumas dessas pedras sofreram pelo calor uma espécie de vitrificação, apresentando curiosas estalactites na sua face inferior.

A uns cem metros de distância dos fornos, para o lado da Portela, vê-se uma extensa faixa de pedra solta amontoadada, estendida pelo monte abaixo, que supponho ser um povoado morto — certamente a antiga aldeia dos fabricantes cerâmicos.

¿De que época serão os fornos?

Toda aquella região está cheia de fragmentos de telha muitíssimo grosseira, em tudo semelhante à que ainda hoje se faz neste concelho. Nunca ali vi cacos de *tegula* ou de vasos de qualquer espécie, sendo, portanto, impossível por este processo determinar-lhe a antiguidade. Mas em cortes do terreno casual ou intencionalmente feitos, êsses pedaços de telha encontram-se por vezes a profundidades de um metro e meio, e em grande quantidade. Ora um depósito de aluvião com tal espessura, em região tão íngreme, exige um longo período para se formar. Por isso eu creio que estes fornos provêm de eras distantes, hipótese documentada também pela existência do povoado-morto totalmente arruinado, e ainda pelo facto de se ter perdido completamente da memória popular a época da laboração.

A direita do caminho que conduz à região dos fornos, e um pouco antes de estes se atingirem, está uma pedra xistosa, cuja face supe-

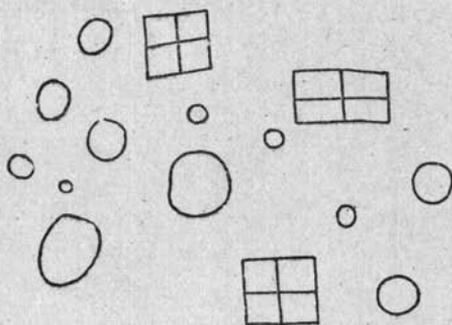


Fig. 9 — Pedra insculpida dos «Fornos da Telha»

rior, mais ou menos plana, apresenta várias insculpturas do género *côvinhas* e duma outra espécie vulgar por estes sítios¹, que consiste num sinal crucial incluído em rectângulo (fig. 9). ¿Que relação cronológica haverá entre estas insculpturas, os fornos, e o povoado-morto?

Ribeira de Pena—verão de 1926.

(*Continua*).

MÁRIO DE MENEZES.

Marcas de canteiro

Pôsto que sigla, em rigor, seja a letra inicial duma palavra² quando a representa, consideram-se geralmente siglas as marcas de canteiro, embora muitas vezes sejam verdadeiras abreviaturas, e até nomes completos, a representação de objectos ou animais, porventura indicando um apelido, uma alcunha, uma nacionalidade ou uma crença, ou ainda simples sinais criados pela fantasia dos artistas que os adoptavam para firmarem os seus trabalhos.

Como é geralmente sabido, foi Viollet-le-Duc³ o primeiro a indicar-nos a sua verdadeira significação, critério que Possidónio da Silva seguiu e confirmou num trabalho publicado em 1868⁴. Até então, era opinião unânime seguída que êsses misteriosos desenhos gravados nas pedras carcomidas dos velhos edificios da Meia-Idade, eram um secreto meio de comunicação entre os iniciados nas associações maçónicas (*Bauhütten*) a que pertenciam as multidões de operários empregadas nas grandes construções.

De facto essas marcas devem ser apenas uma indicação do trabalho produzido pelo canteiro, para lhe ser contado o pagamento da empreitada.

Parece muito antigo o uso das siglas. Dos velhos monumentos egípcios, persas e caldeus, alguns há cujas pedras apresentam diversos sinais⁵. É contudo nos edificios românicos que as marcas de

¹ Existem perto do Castro de Mourão (vid. artigo anterior) e numa região dolménica entre Seirós e Pedroselos, que será referida mais tarde.

² Cagnat, *Cours d'Epigraphie Latine*, p. 400.

³ *Dictionnaire d'Architecture*, pt. IV, p. 263, nota 1.

⁴ *Mémoire de l'Archéologie sur la véritable signification des signes*.

⁵ Aarão de Lacerda, *O Templo das Siglas*, p. 61.